Editorial

A GUERRA DO FUTEBOL

O país está alarmado com a agressão sofrida, na última sexta-feira, no jogo contra a seleção da Colômbia, pelo principal jogador da seleção brasileira, Neymar, de apenas 22 anos. Vítima de uma lesão corporal grave, ele foi afastado, pela violência, da Copa até o fim da competição.

O jogador agressor pediu desculpas, como a querer justificar-se pelo clima aguerrido da competição, já nos seus finalmentes. O árbitro e a Fifa, esta habituada a aplicar, com rapidez, penas rigorosas, se omitiram, tratando o jogador como uma figura menor do time brasileiro.

Agressão desse jaez, em que um jogador não vai na bola, mas no corpo de outro atleta, não tem justificativa e deveria ser condenada, não só pela opinião pública, como está ocorrendo, mas pelas instituições do futebol. Sem qualquer dúvida, trata-se de um ilícito desportivo.

Um risco permitido é quando o jogador vai na bola e causa uma falta. Quando ele vai no corpo do outro competidor, assume um risco proibido. Trata-se de uma jogada não permitida pelo esporte, como a mordida dada por Suárez e condenada exemplarmente pela Fifa.

No entanto, no campo, não se trata de um crime, como previsto no Código Penal. Os árbitros e as entidades do futebol têm os dispositivos adequados para disciplinar as relações numa competição, como as advertências e a expulsão, evitando a aplicação do direito penal.

Num evento de nível internacional, como uma Copa do Mundo, as intervenções dos árbitros e da organização do futebol deveriam, no entanto, ser exemplares, sinalizando para os atletas e os espectadores de todo o mundo a necessidade de ser respeitado um código moral.

Por mais bela que seja uma Copa, ela não deixa de ser também uma guerra. Na sua impossibilidade, os países encenam, de quatro em quatro anos, uma "guerra", com combatentes e habitantes, em lados contrários, sendo insuflados por um repentino sentimento patriótico.

Não, o futebol não é uma guerra, e a habilidade não pode ser substituída pela violência.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Medioli
PRESIDENTE Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO Heron Guimarães
DIRETOR FINANCEIRO Marcos de Oliveira e Souza

GERENTE COMERCIAL Fabiano Guerra
GERENTE DE TECNOLOGIA Fábio A. Santos
GERENTE INDUSTRIAL Guilherme Reis
GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO Walmir Prado
GERENTE DE MARKETING Alessandra Soares
GERENTE DE CIRCULAÇÃO Isabel Santos

EDITORA EXECUTIVA Lúcia Castro
SECRETÁRIA DE REDAÇÃO Michele Borges da Costa
ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO Murilo Rocha
CHEFE DE REPORTAGEM Renata Nunes
EDITORES
Opinião: Victor de Almeida
Economia: Karlon Aredes
Política: Carla Kreefft
Magazine: Silvana Mascagna
Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla
Esportes: Denner Taylor
Cidades: Marina Schettini
Primeira: Frederico Duboc
Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO

Duke

www.dukechargista.com.br

FÁTIMA OLIVEIRA
Médica
fatimaoliveira@ig.com.br

A rua Grande e a elegância distinta de d. Edwine Passarinho

Em todos os centros há nichos de rua com lojinhas bem transadas

Ao contrário de minhas filhas, que são da "geração shopping", detesto shopping centers. Nunca gostei de comprar nada nem de comer nesses lugares! Nas tais praças de alimentação, além de cadeiras desconfortáveis, a impressão que tenho é que a comida é de plástico, juro! É um lugar muito barulhento e com cheiro de gordura velha, embora seja limpo! Prefiro comer em qualquer "sujinho" de rua do que em shopping!

Acho tudo de um artificialismo irritante... O pior é que, nas pouquíssimas vezes em que comprei alguma roupa em shopping, até a cor era outra quando eu a via em casa! Sinto-me tapeada, é sério! Andei lendo que a iluminação é tão exagerada que muda a tonalidade das cores! E que, para que as roupas de inverno tenham boa saída, exageram na climatização. Inverno em shopping é invernão sempre!

Fora os cinemas, nada em shopping faz a minha cabeça! Gosto mesmo é de apreciar vitrines de rua! Entrar numa loja, sair, pegar um vento, entrar em outra, sem compromisso de comprar... Depois de bater perna para lá e para cá, voltar, pedir para ver de novo e até comprar... Falo de uma quase antiguidade, não é? Nem tanto! Em todos os grandes centros urbanos há nichos de rua com lojinhas bem transadas e até ateliês, dos populares aos glamourosos, com coisas boas e chiques para todos os bolsos!

Foi com imensa alegria que li: "O shopping center hoje é um ícone do capitalismo em decadência, e o principal rival dos shoppings é a internet, que permite fazer compras sem sair de casa"; e que a "morte de shoppings nos EUA acende alerta no Brasil". E relembrei como a rua Grande era o eixo da moda de São Luís em minha adolescência e juventude, pois havia de um tudo da modernidade e da chiqueza em roupas, joias, bijuterias, móveis e eletrodomésticos!

Fiquei espantada há duas semanas quando estive lá! Foi um choque ver um comércio degradado e as travessas que viraram um comércio de rua desorganizado! Nada contra camelôs, que ganham o pão de cada dia de modo sacrificado e difícil. Sem falar que sou freguesa deles, pois há coisas que só eles vendem! Fala sério, quem resiste a um assédio benfeito de um camelô, que aqui chamávamos de "marreteiros"?! Quantas vezes comprei coisas das quais não necessitava, só pela boa lábia?

> Nada contra camelôs. Quem resiste a um assédio benfeito? Quantas vezes comprei coisas das quais não necessitava, só pela boa lábia?

A rua Grande era a cara de dona Edwine Passarinho – elegante e distinta viúva que residia lá numa bela casa e se postava no parapeito de sua janela, todas as tardes, bem penteada, puro laquê, com brincos de pérolas enormes e muitas joias, além de bem vestida e maquiada, apreciando o "footing" (o caminhar a pé) que subia e descia a rua nos fins das manhãs e tardes, composto por estudantes dos colégios São Luís, Rosa Castro, Liceu, Ateneu, Instituto de Educação, Santa Teresa... Alguns colégios até proibiam as alunas de passearem na rua Grande de uniforme. De nada adiantava!

Dona Edwine Passarinho encarnava o que em Minas se chama de "namoradeira" – boneca artesanal em cerâmica, madeira ou gesso que decora janelas. E desconheço quem não a apreciasse. Cheguei até a presenciar uma briga entre duas amigas por causa dela quando especulávamos sobre a roupa que ela usava. O mito que corria era que ela jamais repetia uma roupa para se postar em sua janela exibindo sua beleza e riqueza. Foi quando uma colega disse que aquela senhora era tão somente uma exibicionista. Ao que Miriam retrucou: "Eu não a critico, pois será que, quando jovem, ela podia se arrumar assim? Hoje pode! E sua presença torna a rua Grande ainda mais bela!".

DUKE